

ACERCA DA RELAÇÃO DO DISCURSO DE ALCIBÍADES COM OS OUTROS DISCURSOS DO *BANQUETE PLATÔNICO (1864)*

ON THE RELATION BETWEEN ALCIBÍADES' SPEECH AND OTHER
DISCOURSES IN PLATO' *SYMPOSIUM (1864)*

FRIEDRICH NIETZSCHE
TRADUÇÃO: ERNANI CHAVES*

Para rapidamente chegar ao ponto crucial, de como penso a relação dos cinco primeiros discursos com o de Sócrates: parece-me inteiramente equivocada a afirmação de que Platão, nestes cinco discursos, reuniu apenas perspectivas falsas sobre Eros, para contrapor-lhes a de Sócrates, a única correta. O próprio Sócrates não deixa de aprová-las, ele retoma todas elas, na medida em que assinala o lugar que lhes é próprio. Acredito, muito mais, que do primeiro até o último discurso acontece um progresso decisivo, na medida em que cada perspectiva acrescenta e amplia algo de essencial à precedente; cada um dos discursos vê surgir diante de si o conceito de Eros com crescente clareza, até que, finalmente, Sócrates arremata, com uma cúpula, o edifício construído paulatinamente por eles, não para derrubá-lo de novo. Isso é válido, naturalmente, apenas no que diz respeito à visada fundamental de cada um dos discursos: aquilo que os outros incluem como ornamento às suas exposições é reiteradamente recusado por Sócrates.

O discurso de Fedro indica apenas a direção para onde a questão caminha; ele descreve Eros como o mais velho dos deuses e o criador dos maiores bens. Deixo de lado aqui, sem dúvida, o significado de cada um dos discursos para a caracterização dos personagens e destaco apenas as idéias fundamentais de cada um. Pausânias considera o Eros da deusa celestial

* Ernani Chaves é prof. da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Pará, Brasil. Nietzsche, Friedrich. "Ueber das Verhältniss der Rede des Alcibiades zu den übrigen Reden des platonischen Symposions". In: *Jugendschriften 1861-1864*. Herausgegeben von Hans Joachim Mette. München: DTV, 1994, p. 421-424. Escrito em agosto de 1864, no momento em que Nietzsche deixava a Escola de Pforta em direção a Bonn, para iniciar sua formação universitária em Filologia. Na mesma época, em um de seus primeiros esboços autobiográficos, ele declarava seu amor à Antiguidade, o que incluía Platão e, em especial, o *Banquete*, seu diálogo preferido.

como o amor que tem por finalidade o enobrecimento ativo ou passivo dos homens. Erixímaco amplia o significado de Eros para a totalidade da vida da natureza, enquanto os dois primeiros discursos apresentam o amor apenas a partir dos seus efeitos nos homens. Aristófanes diz que Eros pressupõe uma necessidade natural, a lei da afinidade eletiva. Agatão, por fim, nomeia Eros como o amor ao belo, que cria todo bem e toda grandeza na natureza, na arte, em todo lugar. Resumindo, de acordo com esses discursos, Eros seria o amor criado pelo bem e dirigido ao belo como lei natural. A caracterização feita por Sócrates não soa muito diferente: Eros é o amor voltado à criação e procriação no belo, que ele designa como impulso à imortalidade, próprio à natureza espiritual e física. Nos níveis estabelecidos por ele até o Eros superior, percebo o que há de essencial, na medida em que nele reencontramos os diversos pontos de vista dos discursos anteriores. Fedro é também, de fato e de outro modo, o “parteiro” dos discursos subseqüentes. Mas, Pausânias, que no seu discurso jamais negligencia seu amor por Agatão, indica o ponto de vista dos homens, na medida em que ele ainda ama *algo* belo, seja este um belo corpo ou uma bela alma. Erixímaco é amante de tudo o que é belo, tal como este se revela na natureza como um todo. Aristófanes já está no nível maior do amor pela arte e pela ciência, assim como Agatão que, parece-me, enquanto poeta trágico recebeu de Platão uma avaliação melhor do que Aristófanes: um juízo que hoje não deveríamos mais adotar: longe disso, Aristófanes é um homem espiritualmente elevado. Finalmente, o próprio Sócrates alcança o nível descrito por Diótima como o superior, o amor ao belo originário; não duvidamos de que ele o alcançou, mas ele não o disse e não o pode, de acordo com seu caráter. Sócrates se descreve muito mais como alguém que em certo momento caiu no mesmo erro de Agatão, hoje; ele conquistou este ponto de vista superior. Mas, até onde ele o transportou para a sua vida, se ele estava, em geral, em condições de torná-lo realidade, acerca disso o leitor do diálogo deve permanecer em dúvida.

Neste momento, adentra Alcibíades para expor o amor pelo belo originário em seus efeitos sobre os homens; e do efeito desse amor nos indivíduos, como em Sócrates, e a reação de uma pessoa tomada por este amor em relação com outra pessoa, tal como a de Sócrates em relação a Alcibíades. Aqui está o ponto, porque Platão escolheu exatamente Alcibíades para descrever este efeito. Se tivesse sido um discípulo de Sócrates que tivesse entrado para saudá-lo, o efeito teria um peso diferente. Alcibíades, ao contrário, é um jovem totalmente infiel a Sócrates, inteiramente distante da filosofia. A influência de Sócrates sobre tal pessoa, e de fato sobre alguém tão genial, é o que Platão poderia apresentar como a prova mais extraordinária da reação

acima mencionada. De todo modo, Alcibíades nada sabe da conversação anterior: para espanto dos ouvintes, ele traça o lado prático daquele que é abençoado pelo belo originário, enquanto Sócrates traçou o lado teórico. Platão o apresenta bêbado, para permitir que ele fale livremente sobre coisas que, numa conversa séria, comedida, deveriam ser evitadas; mas, a referência a elas era necessária, até mesmo porque se tratavam de fatos históricos. Assim sendo, é notável a oposição entre os discursos de Sócrates e de Alcibíades, como a oposição entre duas naturezas, mesmo que ambos expressem seus sentimentos mais profundos, um, por meio da profetisa inspirada pelos deuses, outro pela inspiração do vinho; são seus mais profundos, mas são os mesmos sentimentos pelo bem originário, um na idéia, outro pela referência à realidade: Sócrates é o amante do belo originário, mas Alcibíades também o é. Mas, neste caso, que diferença de natureza: um, de todo modo, é moralmente sublime, assim como o outro fracassou moralmente; um, é fisicamente belo assim como o outro é feio, um é sóbrio e senhor de si, como o outro é bêbado e nervoso.

É evidente que esse ponto de vista se refere ao mesmo tempo à filosofia e à arquitetônica estética do diálogo. Aqui, deve-se observar que, com a entrada de Alcibíades, acontece uma reviravolta no tom; é uma ousada manobra artística, que no momento em que o discurso de Sócrates conduziu os ouvintes como se estivessem no alto mar do belo, um grupo de embriagados e exaltados invade e, contudo, não destrua o efeito do discurso de Sócrates, mas o intensifique. O discurso de Alcibíades é obra de Eros, assim como o de Sócrates. Mas, o discurso de Alcibíades opera por meio de fatos, assim como o de Sócrates por meio de idéias; e os fatos têm um efeito mais forte e convincente do que a formulação de idéias. Os discursos de Sócrates e o de Alcibíades se comportam de maneira semelhante aos de Agatão e Aristófanes, assim como aos de Erixímaco e Pausânias, só que em uma esfera mais elevada. Sócrates, Agatão, Erixímaco são os grandes pensadores, Alcibíades, Aristófanes, Pausânias agem por meio de fatos e mitos: deve-se, de fato, observar em Pausânias que ele sempre tem em vista seu próprio amor por Agatão. Os três pensadores elevam Eros no mais amplo círculo de suas próprias artes e ciências, Erixímaco considera Eros como médico, Agatão como poeta, Sócrates como filósofo.

Por meio da oposição entre Sócrates e Alcibíades, passa-se finalmente a apreciar a dupla natureza demoníaca do próprio Eros, esse intermediário entre deuses e homens, entre espiritual e sensível; assim como por outro lado, por meio da entrada de Alcibíades o próprio diálogo se ilumina com a mais bela modulação, com cada oscilação entre tons contrapostos, que se pode

encontrar até em trechos específicos e que se aplicam à própria linguagem. E todo esse tempo, a miraculosa reunião dos discursos filosóficos com o prazer do vinho é lembrada.

Assim, a entrada de Alcibiádes aparece como o ponto de viragem do drama artístico e, ao mesmo tempo, da filosofia em direção à realidade; e, se me é permitido arriscar uma comparação, Platão englobou todas as partes do diálogo neste ponto nodal, assim como Zeus não fez diferente quando enlaçou os diferentes membros e peles dos homens com o cordão umbilical e os juntou em um único nó.

[Recebido e aceito em setembro 2010]